

A ARTE DE VER, OUVIR E SENTIR

Fátima Cristina Silva Moraes¹

Carolina N. Curado Parrode²

*“A arte dirá a palavra decisiva e de maior peso.
Sem a nova arte não haverá o novo homem.”*

Lev Semenovich Vygotsky

*“A arte é o homem acrescentado à natureza,
é o homem acrescentado à realidade, à verdade,
mas com um significado, com uma concepção, com
um caráter, que o artista ressalta, e aos quais dá
expressão, resgata, distingue, liberta e ilumina.”*

(Van Gogh, 2008, p.38-9)

Resumo: Neste trabalho apresentamos nosso fazer em arte educação, um projeto que se renova a cada ano, e que tem como tema central a relação entre a riqueza cultural acumulada pela humanidade e a subjetividade de cada aluno, considerando esse encontro como fundamental para a formação humana. Também escolhemos discorrer sobre este projeto por reconhecer sua pertinência, em dias em que muitos questionam o valor da arte na infância. Acreditamos que a arte tem uma função relevante e poderosa na constituição do ser humano. A arte enriquece o ser, o refina, liberta e ilumina.

Palavras-chave: arte, educação, subjetividade, complexidade.

THE ART OF SEEING, HEARING AND FEELING

Abstract: This study assesses our practices in art education, a project that is renewed every year, and whose central theme is the relationship between the cultural wealth accumulated by humanity and the subjectivity of each student, considering this encounter as fundamental for human development. We also chose to discuss about art-education by recognizing its concern in childhood. We believe that art has a relevant and powerful function in the constitution of the human being. Art turn humans being into wealthy refines, liberates and illuminates persons.

Keywords: art, education, subjectivity, complexity.

1 Carolina Parrode é coordenadora pedagógica na Escola Espaço Criativo em Goiânia/GO, bacharel em Direito e psicanalista especialista desenvolvimento infantil e adolescente. Acadêmica da ALANEG, Academia de Letras e Artes do Nordeste Goiano

2 Cristina Moraes é diretora pedagógica da Escola Espaço Criativo em Goiânia/GO, pedagoga especialista em Educação Infantil, e administradora de empresa

Escola Espaço Criativo

A arte expõe para a humanidade (crianças e adultos) os mistérios, as dúvidas, os dilemas, as inquietações e as demandas da vida. Nos mostra não a aparência, o que já está na natureza. Ela nos convida à intimidade, à princípios vitais, às subjetividades, por causa da emoção que nos provoca, dos sentimentos que nos engendra e suscita. E é por isso que ela nos comove, porque revira e abarca, não os nossos pensamentos, mas nossos afetos, nossos sentimentos. Por isso se faz necessária. Sua precisão não está na forma como nos diverte, embora, muitas vezes, nos divirta; não está no entretenimento, embora nos entretenha. Está na necessidade humana de beleza, ao mesmo tempo em que mantém latente os abismos, as sombras, e o desconhecido da vida.

A forma como nos apropriamos da realidade é incerta, estável e suscetível, porque se dá no espaço da imaterialidade. A lógica da arte atua, predominantemente no campo da incerteza e das subjetividades. *“A arte não é um espelho que mostra a realidade ‘como ela é’. A arte mostra-nos um mundo refletido por uma mente que impõe um estilo no que retrata.”* (Walter Kaufmann)

De tempos em tempos, de acordo com períodos e espaços sociais e a subjetividade do artista, a obra se faz outra, singular. Nesse sentido, ela não certifica a realidade, mas a coloca em cheque, abrindo espaço para que o ser humano se revele de diferentes formas e reinvente a si mesmo e ao mundo.

O fazer artístico, por sua característica intrínseca de nos colocar frente ao inusitado e ao inesperado, oportuniza situações em que nos confrontamos com o exercício experimental da liberdade e da ousadia. Exercitamos a capacidade humana de criar algo que vai além da realidade, ultrapassando-a.

Toda arte é condicionada pelo seu tempo e expressa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular. Quando dela usufruímos, dentro de um contexto social e histórico, temos também um encontro com a nossa humanidade, porque nos identificamos na constância do que sentimos e vivemos: alegrias, dores, tristezas, ódio, amor... Assim, uma obra de arte por mais antiga ou longínqua, age dentro de nós, e nos fala. Quanto mais chegarmos a conhecer diferentes possibilidades de expressão através da arte, tanto mais claramente a enxergarmos, em sua variedade e complexidade de elementos, vamos, com certeza, também compondo a nossa humanidade.

Diz Ernest Fischer, grande pesquisador da função da arte: *“A arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro, total. A arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade. A arte é uma realidade social. A sociedade precisa do artista, este supremo feiticeiro, e tem o direito de pedir-lhe que ele seja consciente de sua função social. Mesmo o mais subjetivo dos artistas trabalha em favor da sociedade. Pelo simples fato de descrever sentimentos, relações e condições que não haviam sido descritos anteriormente.”*

No ano de 2015, a temática escolhida para nortear e fundamentar nosso projeto de arte educação *“A arte de ouvir, ver e sentir – ‘Arte Contemporânea’*”, se pautou na reflexão sobre o que é arte em nosso tempo e na necessidade dessa experiência estética. Ao vivenciarmos e experimentarmos contextos variáveis de estilos e concepções, buscamos traços comuns que nos permitiram englobá-los numa mesma definição: é arte; e ao mesmo tempo, fomos entendendo como essas experiências podem dar significação e sentido a nossa vida atual.

A concepção de Arte Contemporânea é muito ampla e polêmica, portanto, vivenciamos uma longa caminhada. Como um bom começo, nos inspiramos pela imagem e dito do revolucionário pensador russo, Lev Semenovich Vygotsky: *“A arte dirá a palavra decisiva e de maior peso. Sem a nova arte não haverá o novo homem.”* (Lev Semenovich Vygotsky)

O pensador nos colocou diante de um questionamento: De que maneira se desenvolve a compreensão de uma obra de arte contemporânea? Compreender o estado da arte atual implica em colocar o espectador no abismo. A interpretação que se dá, quando se está diante de uma obra de arte, depende totalmente desse espectador, das relações que ele traça junto à sua bagagem cultural, ao que ele já conhece, às suas memórias e à sua capacidade de perceber. Vygotsky coloca que a percepção, ao longo do desenvolvimento humano, torna-se cada vez mais um processo complexo, que se distancia das determinações fisiológicas dos órgãos sensoriais (boca, nariz, olhos, mãos e ouvidos). Assim, a percepção deixa de ser uma relação somente entre o indivíduo e o meio, passando a ser mediada por conteúdos culturais, agindo, portanto, num sistema que envolve outras funções, ou seja: ao percebermos numa obra elementos do mundo real, fazemos interferências baseadas em conhecimentos já adquiridos. E foi essa a nossa intenção com o Projeto: perceber a Arte Contemporânea com todo o seu valioso arsenal pessoal de vivência, para ao final nos enriquecermos, percebendo sua necessidade e seu discutível papel em nosso mundo atual, para nos reinventarmos.

‘Arte-educação’ ou ‘ensino de Arte’ é a educação que oportuniza ao indivíduo o acesso à Arte como linguagem expressiva e forma de conhecimento.

A educação em arte, assim como a educação geral e plena do indivíduo, acontece na sociedade de duas formas:

- 1) Assistematicamente através dos meios de comunicação de massa e das manifestações não institucionalizadas da cultura, como as relacionadas ao folclore (entendido como manifestação viva e em mutação, não limitado apenas à preservação de tradições);
- 2) Sistemáticamente na escola ou em outras instituições de ensino.

A arte-educação tem objetivo maior que a formação de profissionais dedicados a esta área de conhecimento. No âmbito da escola regular busca oferecer aos indivíduos condições para que compreendam o que ocorre no plano da expressão e no plano do significado ao interagir com as Artes, permitindo inserção social de maneira mais ampla. Os museus são uma ferramenta muito útil para a

observação, de uma forma mais condensada e intensa, de diversas manifestações artísticas - sejam elas da contemporaneidade ou não.

No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96) estabeleceu em seu artigo 26, parágrafo 2º que *“o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”*. *A arte é um patrimônio cultural da humanidade, e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber”*.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (PCN- Arte-1997)

Argumentos não nos faltam para que optemos por levar nossas crianças a um mergulho profundo no mundo das artes. E a proposta para 2015 foi para que a escola toda se envolvesse com a arte contemporânea brasileira, estudando todas as expressões por meio deste movimento, seja nas artes plásticas, música, poesia, cinema, dança ou performance.

De início, lançamo-nos ao desafio de, junto com as crianças, elaborarmos perguntas provocativas que fizessem surgir mais e mais perguntas:

“-Hoje em dia, milhões de pessoas leem livros, ouvem música, vão ao teatro e ao cinema, Por quê? Procuramos apenas por distração ou divertimento? Queremos relaxar? Por que distrai e nos diverte quando em um filme, ou em um livro, entramos em contato com os problemas e a vida dos outros? De que forma nos identificamos com uma pintura ou música, ou com um romance, de uma peça ou de um filme? Por que temos essa necessidade? Por que reagimos a essas “irrealidades” como se elas fossem a realidade? Que estranho e misterioso divertimento é esse? Por que nossa fome pelo que é fictício? Como não ser apenas eu mesmo em minha parcial existência e todas as suas limitações? É possível alcançar maior plenitude? Será que de alguma forma desejamos escapar da nossa existência para uma outra e diferente existência, através de uma experiência sem riscos? “A arte existe porque a vida não basta”? Por que temos o desejo de completar a nossa vida incompleta através de outras figuras e outras formas?”

Entre mais perguntas e respostas fomos analisamos e refletindo sobre a nossa realidade para entender como a vida humana está cada vez mais complexa e mecanizada, dividida e subdividida em classes e interesses. Como estamos, independentes da vida dos outros homens, esquecidos daquilo que nos completa e une: o espírito coletivo. A fé, o amor e a paz são os anseios vitais do homem deste século. Mas enquanto se vê capaz de dominar a ciência e a tecnologia, afasta-se sempre mais do seu semelhante, sentindo-se-lhe escassearem as mais simples condições de vida.

Vivenciamos díspares obras de arte, de diferentes e diversas sociedades, para que percebêssemos como desde o início dos tempos, lutando contra a complexidade e a mecanização humana está a arte, elemento da vida espiritual de todos os povos, em todas as épocas. Configurando-se como a atividade que exprime cultura, sensibilidade e tradição, condicionada pelo seu tempo e representando a humanidade segundo ideias e aspirações, necessidades e esperanças.

Daí, passamos a analisar como, em nosso tempo, a arte também permite à sociedade manifestar intensa e, às vezes, colericamente seu poder criativo em várias manifestações. Afinal, como diz o poeta: *“A necessidade da arte é a prova de que a vida não basta.”*

Fomos desenvolvendo um percurso de criação, individual e coletiva, articulando percepção, imaginação, emoções e ideias em produções e fruções artísticas. Experimentamos diferentes materiais e suportes, técnicas e procedimentos de vivências com a arte, como: colagens, desenhos, pinturas, muralismo, aquarela, guache, esculturas, performance, instalações, filmes, vídeos...

Durante este processo, fomos convidados a identificar e refletir dentro das múltiplas realidades da nossa atualidade, elementos que constituem a dinâmica de massificação e desvalorização da vida; ao mesmo tempo, procuramos entender como a arte amplia a nossa capacidade de entender e conhecer o mundo. Investigamos as obras de Hélio Oiticica, Vik Muniz, Adriana Varejão, Os Gêmeos, Beatriz Milhazes, Tunga, Cildo Meireles, Walmécio Caldas, Yayoi Kusama; observando como eles, em suas obras trabalham a construção imagética, manifestando novas estéticas, os vínculos culturais e sociais, expondo e analisando como o trabalho de cada artista revela uma função social em sua arte. Nesse sentido, exploramos as especificidades das obras e suas relações com as tecnologias e o contexto histórico-social, de maneira a alargar a compreensão do momento da arte contemporânea.

Após o levantamento bibliográfico de cada artista, iniciamos a leitura de obras que deram suporte ao nosso estudo. Tais conteúdos foram organizados no sentido de adquirirmos conhecimento, além de potencializar as discussões sobre arte, sociedade, política e demais especificidades da nossa contemporaneidade, bem como os conceitos e as definições consideradas significativas ao entendimento da função social da arte.

Então fomos percebendo como o trabalho dos artistas nos revela e nos remete a beleza, mesmo quando expressa a tristeza, o ódio, a feiura... a arte pode expressar tudo, porque qualquer coisa pode ser casa para a poesia. A beleza está na forma. A beleza na arte, sendo beleza da forma, não importa o assunto. O mérito não está no conteúdo, no enredo, ou no tema, aquilo que a obra está expressando. Não é o que está sendo dito, mas como está sendo dito. A arte não é o objeto em si, não é o que está se mostrando, mas como se mostra. Analisamos nas obras, como guerras execuções, moribundos, ou circunstâncias banais e diárias são temas para a arte. Como cada autor, em sua obra, revela um estado de beleza. Afinal, o ser de toda criação verdadeira é, necessariamente, bela.

Fomos também relacionado diferentes linguagens artísticas (plástica, musical, literária...), buscando identificar pontos de convergência entre elas, explorando especialmente os artistas eleitos para o trabalho, reconhecendo como expressam sentimentos próprios do humano, o que provoca o encontro entre artistas e espectadores no que sentem e vivem: alegrias, dores, tristezas, medo, ódio, amor... Vivenciamos através da produção e fruição artísticas, a sensibilidade, para que percebêssemos, através do convite para o sentir, que arte é para a inteligência do coração e não para a nossa inteligência lógica. A arte nos induz à alma das coisas e por isso nos comove; não nos provoca pensamentos, não ressoa em nossa razão, mas em nossos afetos, naquilo que sentimos. Vivenciar a força movedora e comovedora da arte – que faz com que abramos os olhos para a maravilha da criação e da experiência humana, foi mais que especial! A arte expressa o que não tem peso, nem tempo, nem medida, mas sem ela nos desumanizamos regredimos a barbaria, nos tornamos bárbaros.

Também experimentamos processos de desconstrução dos paradigmas do mundo adulto e de valorização da linguagem infantil como instrumento de elaboração e de concepção estética, valorizando o universo infantil e o seu olhar inaugural diante das coisas (valorização do cotidiano do que é banal e comum). Assim, pudemos vivenciar a arte enquanto criação do que não existe (criança inventa, imagina), bem como sua capacidade de produzir transformações. A arte contemporânea se caracteriza principalmente pela liberdade de atuação do artista, que não tem mais compromissos institucionais que o limitem, portanto pode exercer o seu trabalho sem se preocupar em imprimir nas suas obras um determinado cunho religioso ou político. No artigo “Arte e metáforas contemporâneas para pensar infância e educação”, Luciana Loponte discute a relação entre a arte, a educação e a infância, dizendo que a arte contemporânea tem muito em comum com a infância: *“A arte é feita de possibilidade, de invenção, de criação, de ruptura, do imprevisível, do inesperado. A infância, também, é puro acontecimento”*.

A arte é feita de possibilidades, e as manifestações artísticas são infindáveis. Fomos, então nos aventurando traduzindo em obras diferentes possibilidades. Avaliando, também, o papel da arte e do encantamento na construção de uma realidade melhor e mais bonita; exemplificando, dentro da história, momentos onde artistas, através da sua capacidade de criação, de invenção, de ruptura, modificaram a sua realidade.

Durante o projeto, fomos compreendendo a necessidade da arte, o porquê que nos conforta e salva. Se a arte expressa àquilo que sentimos, o que é humano, ela nos alimenta porque dá significado e sentido à nossa vida. A arte consola, conforta e é alimento para o nosso sentir. Identificamos uma fome em nós que nenhuma prosperidade material, que nenhum sucesso financeiro pode saciar porque continuaríamos famintos, famintos de transcendência, algo que nos diga: “você é mais que seu corpo, você é mais do que suas necessidades básicas, você é mais do que essa coisa quantitativa, você é aquilo que está presente no seu desejo, no seu sentimento e na sua alma. Através de atividades escritas e conversas em grupos de roda, fomos identificando pontos comuns em nossos desejos: Queremos ser felizes

e temos medo, temos compaixão, temos ódio, temos ira, temos bondade, todas as boas e más paixões que nos habitam. Nós todos padecemos de uma angústia; uma das primeiras angústias humanas, que é a angústia do tempo, da finitude, nós começamos e acabamos, somos finitos, nós passamos. A obra de arte não sofre esse desgaste, ela está fora do tempo.

Uma emoção muito profunda que tivemos, uma paisagem muito bela que você vimos, qualquer coisa que nos comoveu, comoveu e passou. Fomos aprendendo e experimentando esses sentimentos em quadros, em poesias, performances, instalações, de forma que a obra parou o tempo para nós. Ela não apenas refreou o tempo, mas garantiu a unidade do nosso ser, a unidade da nossa experiência, porque descobrimos como vivemos de forma fragmentada e como desejamos a unidade, a unidade que dure e que dê sentido a nossa existência. Então, enxergamos na arte a coisa mais próxima disso. Contemplamos e criamos quadros, esculturas, pinturas, escutamos músicas, assistimos filmes, executamos performances; e tudo estava inteiro e nos deu sentido e alegria.

Como forma de brindar o projeto e fechá-lo com chave de sonhos, fomos à Inhotim, conduzindo as crianças a um lugar que expira arte e inspira as almas que se deleitam por lá. Inhotim é a única instituição brasileira que exhibe continuamente um acervo de excelência internacional de arte contemporânea. O Instituto abriga um complexo museológico com uma série de pavilhões e galerias com obras de arte e esculturas expostas ao ar livre. O surgimento do Inhotim como fator integrante de nosso Projeto Arte, teve como marca, desde o início, a definição de estratégias pedagógicas que possibilitassem-nos acesso aos bens culturais de nosso país. Nesse sentido, tratou-se de nos aproximar de um relevante conjunto de obras, produzidas por artistas de diferentes partes do mundo, refletindo de forma atual sobre as questões da contemporaneidade, de maneira transdisciplinar. Graças a uma série de contextos específicos, Inhotim ofereceu-nos um novo modelo, distante daquele dos museus urbanos. A experiência do Inhotim foi, em grande esteve associada ao desenvolvimento de uma relação espacial entre arte e natureza, que nos possibilitou experimentarmos obras contemporâneas em condições únicas. Fomos convidado a percorrer jardins, paisagens de florestas e ambientes rurais, perdendo-se entre lagos, trilhas, montanhas e vales, estabelecendo uma vivência ativa entre geografia, sociedade, política, história...



No final desse exercício de poesia, pudemos construir diferentes conceitos sobre o que é arte, desenvolvendo maior consciência estética, entendendo o lugar do belo na ordem das coisas. Pudemos também nos dar conta do lugar da arte em nossas vidas, do seu papel transformador de realidades e de como se faz necessária enquanto expressão e fruição humana. Durante toda a nossa trajetória de descobertas, com certeza, fomos também acrescidos em beleza, sensibilidade e humanidade.

Com os Gêmeos, dupla de irmãos gêmeos grafiteiros de São Paulo, conhecidos mundialmente, nos depararemos com uma natureza fantástica. Na medida em que caminhamos pelas suas obras, percebemo-nos em um belo caleidoscópio, onde imagens de origens diversas, com elementos surreais, se sobrepunham e se rebatiam em uma paleta multicolorida. O estilo da dupla, imediatamente reconhecível, caracteriza-se por seus personagens singulares, que habitam um mundo onírico em contraponto com a cidade que lhes serve de suporte e estímulo. Em narrativas que podem ser poéticas, irônicas ou críticas os artistas trabalham com muitos detalhes em uma minuciosa construção das imagens. Depois de passearmos pela selva de pedras dos GÊMEOS... uma selva de muros, com todo o toque de sensibilidade, nos afundamos nas águas do mar junto com os Sírios em suas tentativas de refúgio em terras seguras através da exposição “Meninos do mar da Síria”. Grafitamos no muro da escola para criarmos uma instalação cujo o cenário foi pura poesia.



“Meninos do mar da Síria”

Selecionamos para conduzir o descortinar de nossos olhos, nossos corpos, mãos e gestos, um surpreendente artista da arte contemporânea: Vik Muniz. Paulistano, nascido em 1961, radicado em Nova York desde 1983, Vik Muniz subverte conceitos e inova de maneira surpreendente. Seus trabalhos são criados com materiais tão banais quanto inusitados: chocolate, geleia, açúcar etc.



É verdade que a arte contemporânea não é de fácil apreensão. É visível o desconforto do observador, advindo, sobretudo do fato da arte vigente não corresponder, geralmente, ao que se espera de uma obra de arte. Vik Muniz, para nós foi uma constatação de que a arte do nosso tempo já não corresponde ao prazer harmônico definido historicamente. Critérios como belo, agradável, correto e harmonioso não se mostram suficientes para a apreciação da arte do artista.



“Meninos de açúcar”

Então, em sincronia com a diversidade cultural que esta arte nos proporcionou, certos de que sua revelação nos estimulou, finalizamos com a exposição: “Meninos de açúcar” onde muitos espectadores puderam refletir sobre a importância da imagem em nossa sociedade e, por consequência, em sua vida.

Com Hélio Oiticica, pintor, escultor, artista plástico e performático de aspirações anarquistas, aprendemos um mundo. Experimentamos a forma como que o artista coloca o participante em contato com diferentes artefatos de vidro, plástico, cimento, em que materiais como pigmento, terra e zarcão são oferecidos à manipulação e que assim exploram a relação espectador-objeto de forma desinteressada e desvinculada de uma ação útil, estabelecendo uma relação puramente intuitiva. Hélio problematiza criticamente o conceito de arte e obra em favor do ato poético relativo à experiência do corpo. Focalizando a poesia em processo, ou seja, a invenção de linguagem enquanto performance corporal, questiona a compartimentação entre arte e não arte e/ou entre meios, gêneros e movimentos artísticos. Ele é propositivo de uma poética experimental, focada nos atos concretos e simbólicos do corpo. Assim, como resultado dessa expressão fizemos para além da pintura e abrangendo, a invenção de objetos musicais, textos críticos e poemas, uma bela performance durante a Feira Cultural: “O museu é o mundo”.





“O museu é o mundo”

Sabemos que a arte contemporânea atravessa uma crise de legitimação. Muitos artistas são acusados de fazer “qualquer coisa” em detrimento do processo criativo. Assim, também tivemos como vertente do projeto a leitura e análise do livro: “Arte Contemporânea no século XXI”, para entendermos essa busca de validação, e ao mesmo tempo, sermos incentivados a refletir sobre arte, sobre a vida nos dias de hoje, o desaparecimento, a perda de tantas referências e critérios, e ainda, sobre como a arte dos dias de hoje, muitas vezes, está destinada ao lucro, ao status e a acumulação de capital. Nosso trabalho, também foi o de sairmos à procura de novos padrões, de fugirmos das convenções, buscando novos e diferentes critérios que contribuem para a formação do nosso gosto, para aprendermos a olhar para as obras e também para o nosso mundo.

O artista que mais gostamos no livro, Tunga, um dos grandes nomes da arte contemporânea brasileira, falecido em 2016, mostrou-nos como mantém a visibilidade de sua obra ao mesmo tempo em que escapa da força do controle de curadores, colecionadores, especialistas e galeristas. Descobrimos que o curioso modo com que escapa é exatamente o mesmo que o faz impor-se nos domínios da arte: a insubordinação e a liberdade de invenção e incorporação de linguagens. Ao experimentarmos as obras do artista, percebemos que a poesia se constrói efetivamente pelo inesperado, pelo choque entre uma comum percepção e a singular criatividade do autor. Afinal, como não se surpreender com uma arte que nos instiga a embarcar em tudo aquilo que consideramos sem importância ganhando status de poesia? No contato com a poesia de Tunga, não há como captar toda a essência, engenho e arte envolvidos no fazer poético deste artista. O olhar tem que ser profundo e demorado. Para compor seus trabalhos, Tunga

investiga diversos campos do conhecimento como literatura, filosofia, psicanálise, teatro, bem como disciplinas das ciências exatas e biológicas, uma espécie de alquimia da arte, investindo na combinação e transformação do objeto artístico. O artista realiza peças tridimensionais e instalações a partir de uma infinidade de materiais para sua poesia como correntes, lâmpadas, fios elétricos, aparatos isolantes buscando relações inesperadas entre os diferentes objetos, formando belas e instigantes imagens figurativas com temas ousados, que provocam estranhamento no espectador.



Beatriz Milhazes nos ensinou em seu repertório questões relativas à abstração geométrica, ao carnaval e ao modernismo, assim como ao concreto e ao neoconcreto brasileiros e à pop art. Beatriz pinta flores, arabescos, alvos e quadrados sobre uma superfície de plástico, para depois transferi-los para a tela. Nas colagens, sobrepõe camadas de cor utilizando-se de papéis de bala e sacolas de compras. Com ela aprendemos a sentir a harmonia nos excessos. Isso gerou grande impacto em todos nós.

As obras de Ernesto Neto, outro grande artista plástico da nossa atualidade, nos proporcionou uma vivência com a arte como um acontecimento especial, essencialmente poético. São instalações abstratas, concebidas de materiais vários que vão do algodão ao nylon, representando formas que são praticamente orgânicas. Ocupam grandes espaços, fundindo-se com o ambiente através de contornos que,

por vezes, fazem lembrar teias de aranha ou estruturas irrealistas. Um verdadeiro convite à sensibilidade e momentos de beleza.

Adriana Varejão, uma das mais inquietantes artistas da nossa atualidade, joga luz sobre coisas que não são discutidas. Temas que as pessoas preferem simular a não existência e que Adriana vozeia com espessuras de transgressão. Aliás, com muitas dimensões de espessura. A artista compreende que o corpo da obra é também a dor, a força, a sensualidade e os nossos fantasmas. Sua espessura compreende amplamente, não apenas a materialidade, mas também a densidade das nossas subjetividades. É um grosso de avolumados que nos provoca arrepios. Os quartos azulejados brincam com a diferença entre contaminação e assepsia. Apresentam-se como lugares de prazer, pensamentos e reflexões, expiar ou morrer – e, para nós, de muitas indagações. Descobrimos que a beleza também é um conceito. Uma experiência com o paradoxo do gosto e da estética.

Avaliamos como estes artistas, representantes da sociedade, trabalham para relatar, em suas obras, a realidade para transformá-la. Eles expõem à seu público a significação dos acontecimentos, fazendo-o compreender a necessidade e as relações essenciais entre o homem e a natureza e entre o homem e a sociedade, para atuarem sobre elas no sentido visualizarmos realidades mais justas e mais humanas.

Com eles descobrimos como uma exposição de arte é um lugar para ver e experimentar objetos totalmente diferentes daqueles do mundo cotidiano. Ela funciona para o pensamento e para o sentimento. A gente olha e reflete... Olha e vê, experimenta usando todos os órgãos, todos os sentidos.



Em nossa exposição: “O Rio é doce, a Vale amarga” mostramos que arte é vida. É um exercício de pensamento visual, sonoro, sinestésico e metafórico. Desenvolvemos a competência simbólica, desafiada e ampliada pela capacidade de simbolizar, expressando e comunicando imagens, ideias, pensamentos e muito sentimento. Fizemos chorar muitas “gentes”.



Barbara Miguel

“O rio é Doce, a Vale, amarga”



Barbara Miguel



Barbara Miguel



“O rio é Doce, a Vale, amarga”



Referências:

VAREJÃO, A. Coleção Folha Grandes Pintores Brasileiros, volume 05. São Paulo: Folha de São Paulo, 2013.

MILHAZES, B. Coleção Folha Grandes Pintores Brasileiros, volume 10. São Paulo: Folha de São Paulo, 2013.

MUNIZ, V. Reflex: Vik Muniz de A a Z. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

PANDOLFO, A.; PANDOLFO, G. *Os Gêmeos: a Ópera da Lua*. Rio de Janeiro: Cobogó.

OTTICICA, H. Coleção Folha Grandes Pintores Brasileiros, volume 12. São Paulo: Folha de São Paulo, 2013.

SARDENBERG, R. *Arte Contemporânea no século XXI: 10 Brasileiros no ciclo Internacional*. São Paulo: Capivara, 2011.

GOMPERTZ, W. *Isso É Arte? 150 Anos de Arte Moderna do Impressionismo Até Hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FISCHER, E. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2007;

LOPONTE, L. *Arte e metáforas contemporâneas para pensar infância e educação*. Revista Brasileira de Educação, volume 13, número 37. Rio de Janeiro, 2008.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996;

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

Anexos:

Imagens da visita ao Museu do Inhotim







Barbara Miguel



Barbara Miguel



Barbara Miguel



Barbara Miguel